



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES  
FACULDADE DE LETRAS**

**CLARICE LISPECTOR E O LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES  
SOBRE O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA.**

Mariana Matos Leiroz Carvalho de Sá

Rio de Janeiro  
2023

MARIANA MATOS LEIROZ CARVALHO DE SÁ

CLARICE LISPECTOR E O LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES  
SOBRE O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras  
na habilitação Português e Literaturas da Língua  
Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Renan Ji

Rio de Janeiro  
2023

"Cumpre o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes."

(São Josémaria Escrivá)

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora, por todo sustento nos momentos mais difíceis e titubeantes na minha trajetória acadêmica.

Ao meu esposo, que sempre me apoiou e incentivou a voltar às aulas a fim de concluir minha graduação. Pelas diversas vezes que me acalentou nos momentos de estresse e desespero, sendo foi meu porto seguro! Ad Finem!

Aos meus filhos, que me mostraram o quanto sou merecedora das batalhas que travei.

Aos meus pais, pelo apoio e suporte necessário para a realização dos meus desejos. Desde o investimento em escolas, curso pré-vestibular até a faculdade.

Aos meus irmãos que torceram muito para que essa conquista fosse alcançada.

Aos meus sogros que ajudaram com as crianças nesse período final, pelas palavras de apoio e pela torcida!

À minha querida “emprestada” tia Batata, ou melhor, Márcia, que também me incentivou nessa retomada dos estudos e esteve presente em muitos momentos importantes.

À outra tia “emprestada” Tidy, ou melhor, Beatriz, que sempre me socorreu em diversos momentos, onde dividimos dicas e ideias de trabalho e de crescimento profissional, apoiando a caminhada mesmo de longe

Aos queridos Cristina e Luciano, que estiveram sempre na torcida e ajudando no que fosse preciso.

A duas pessoas também de extrema importância, Tia Rita e prima Luiza, por sempre vibrarem com cada notícia desse passo a passo dentro da faculdade, até chegar nesse dia da conclusão do curso. Mesmo distantes, pude sentir o carinho e a torcida!

À Lays, amiga querida, que a graduação me apresentou. Peça muito importante no meu processo de formação, pelas diversas disciplinas cursadas juntas, os cafés e almoços naquela faculdade, pelas madrugadas em claro terminando trabalhos e pelas palavras de ânimo para poder alcançar esse objetivo.

Aos diversos amigos que apoiaram e vibraram pelo meu sucesso nessa jornada: Keliane, Felipe Jimenes, Rebecca, meus compadres: Raphael, Padre Leandro, Juliana e Camila.

Ao meu professor e orientador Renan Ji, por compreender tudo que eu queria transmitir nesta monografia. Além de entender todos os problemas nos bastidores desta escrita. Sem as muitas dicas, ideias e reescritas, esse trabalho não ficaria tão bom.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>8</b>
<b>1 - Ensino de literatura e letramento no mundo de hoje</b> .....	<b>10</b>
1.1- Um relato .....	11
1.2- A experiência e o letramento .....	13
<b>2 – Clarice Lispector, o conto e o público infanto-juvenil</b> .....	<b>15</b>
2.1- O gênero conto .....	16
2.2- Clarice para crianças e jovens .....	17
<b>3 – Feliz aniversário: letramento e vivência</b> .....	<b>21</b>
3.1- Motivação .....	21
3.2 – Introdução .....	22
3.3 – Leitura .....	23
3.4 – Interpretação .....	27
3.5 – Oficina avaliativa .....	29
<b>Conclusão</b> .....	<b>31</b>
<b>Referências</b> .....	<b>33</b>

## RESUMO

O presente trabalho busca abordar as contribuições do gênero textual conto no processo de formação literária. Para isso, foi realizado um estudo sobre a importância do texto literário para a formação de leitores, conectando-se também a experiências vividas em uma biblioteca de uma escola particular e, através disso, propor uma abordagem de letramento literário. Optou-se pela obra da escritora Clarice Lispector, mais especificamente o conto *Feliz Aniversário*, do livro *Laços de família*, tendo por base teórica a sequência didática básica de Rildo Cosson (2021), a fim de orientar melhor a busca e a vivência do método do Letramento Literário. Ao contemplar essa dimensão, despertam-se as particularidades e interesses de interpretação por parte do leitor, ajudando-o a desenvolver seu senso crítico.

**Palavras-chave:** Ensino, Mediação, Literatura, Texto Literário, Clarice Lispector.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to approach the contributions of the short story or tale textual genre in the literary formation process. For this, a study was conducted on the importance of literary text for the reader's formation, also connecting to experiences in a private school library and, through this, to propose a literary literacy approach. The work of the writer Clarice Lispector has been chosen, specifically the short story Happy Birthday, from the book Family Ties, having the Rildo Cosson's (2021) basic didactic sequence as a theoretical foundation, in order to guide better the search and experience of the Literary Literacy method. By contemplating this dimension, the reader's particularities and interpretation interests are awakened, helping him to develop his critical sense.

**Keywords: Teaching, Mediation, Literature, Literary Text, Clarice Lispector.**

## INTRODUÇÃO

Na vida em comunidade, diversas linguagens se fazem presentes no cotidiano. Temos no início de nossa vida o contato com objetos e situações que nos rodeiam, captando sentidos através da leitura de seus contextos.

O processo literário se dá de um modo imperceptível na nossa formação familiar. Desde as historinhas que ouvimos em nossos berços aos embalos do sono, ou sendo adolescentes que se encantam por um determinado nicho ficcional, a literatura nos rodeia. Mesmo que esse início seja dado no lar, a construção pelo gosto literário e pelo refinamento da leitura converge para os professores e para a sala de aula.

Mesmo sabendo que o espaço escolar é o mais adequado para a formação de leitores, nele encontramos falhas nessa missão. São práticas de ensino que acabam por não dar valor à matéria Literatura, além da falta de um espaço adequado para leitura, e o principal: a perda de credibilidade da vivência intelectual ligada ao saber literário, o que acaba deixando a literatura como um conteúdo difuso em meio ao currículo de Língua Portuguesa.

Antônio Cândido (CANDIDO, 2011, p.177), no ensaio “O direito à literatura”, afirma que “A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.” Desse modo, depreende-se que devemos conservar e reconhecer esse campo cultural como uma exposição de criações, sejam elas ficcionais, poéticas ou dramáticas, que representam os indivíduos e suas culturas e que, sem a literatura, não seria possível acessar um saber fundamental à sua subjetividade.

O letramento literário é diferente de outros tipos de letramento, pois envolve uma configuração especial da escrita literária. De acordo com Cosson (2021), o processo de letramento por meio de textos literários não só inclui uma dimensão única do uso social da escrita, mas também é uma forma de assegurar um domínio efetivo da língua escrita. É por isso que o letramento literário é tão importante na escola e em outros processos de letramento, independentemente de serem patrocinados pela escola ou pelo meio social.

A literatura ocupa um espaço privilegiado com relação à linguagem, pois proporciona uma forma única de tornar o mundo compreensível e transformá-lo em palavras. Os textos literários fornecem uma maneira privilegiada de inserir o indivíduo no universo da escrita, que é um dos instrumentos mais poderosos de libertação das limitações físicas do ser humano. A



literatura nos diz quem somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos, tornando-a uma experiência a ser realizada e não apenas um conhecimento a ser reelaborado.

É importante destacar que o letramento literário não se limita às habilidades de leitura voltadas para textos literários, mas vai muito além disso, exigindo do leitor uma atualização contínua em relação ao universo literário. O objetivo é promover uma experiência significativa que dê sentido ao mundo ao nosso redor, utilizando palavras que transcendam os limites de tempo e espaço.

Sabe-se que a importância da literatura e da leitura é um assunto muito discutido, principalmente, quando nos referimos aos textos literários e sua relação com a juventude. Mesmo que continuemos a bater na tecla do acesso à literatura ser um direito inerente ao indivíduo, devemos ter a consciência de que nem todos enquadram-se nessa realidade. Visto que a base educacional tem o dever de proporcionar uma boa educação para todos, constata-se que nem sempre isso ocorre. Podemos citar aqui, principalmente, as escolas públicas que recebem pouco investimento e acabam deixando muitas vezes a criança e o jovem à mercê da própria sorte.

Baseado nos expostos supracitados, este trabalho tem a finalidade de explorar o texto literário, promovendo a imersão em um conto que contemple possíveis alunos, fazendo-os ampliar o seu horizonte de interpretação, escrita e senso crítico.

De modo organizacional, no primeiro capítulo, abordaremos a importância do letramento literário para a sala de aula e a sua contribuição na contemporaneidade tecnológica, além de uma visão sobre como esse processo parece ser trabalhado hoje em dia nas escolas, a partir do relato de uma experiência que obtive com o quinto ano de uma escola da rede privada.

Em um segundo momento, trataremos da escrita da autora Clarice Lispector, abordando a ideia do gênero conto e a sua importância para o público infanto-juvenil, dialogando com a experiência vivida no primeiro capítulo e gerando reflexões para a próxima etapa do raciocínio.

Por fim, no terceiro capítulo, será feita uma proposta de mediação literária à luz das reflexões feitas nas etapas anteriores. Abordaremos no conto “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector, os aspectos necessários para engajar os alunos na leitura, a fim de realizar a conscientização do lado crítico do leitor, da liberdade da interpretação e de como pode ser intelectualmente instigante usufruir dela.

## 1- ENSINO DE LITERATURA E LETRAMENTO NO MUNDO DE HOJE

O contato com a literatura nos permite manter viva, nos espaços escolares ou não, a ânsia de criar e de buscar reflexões sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Na lida com o texto literário, temos a todo momento uma necessidade de participação tanto do autor quanto do leitor, que travam um duelo nas partes da obra, ou seja, o leitor tem a sua visão do texto, a sua interpretação, que pode muitas vezes não coincidir com o que o autor quis passar e, com isso, lança-se a tensão entre diferentes percepções que funciona tão bem para a crítica literária e para a sala de aula.

“Assumir a condição de leitor – ativa por excelência é, portanto, liberar em nós mesmos a capacidade de atribuir sentido aos textos, como aos gestos e à vida. Para o professor de qualquer nível, que trabalha com textos e a linguagem, isso implica colocar-se criticamente em relação à leitura proposta pelo livro didático ou pela História Literária, como uma leitura possível. Em decorrência dessa atitude nova (diante dos textos e de nós mesmos), respeitaremos a leitura alheia – especialmente a dos alunos – e saberemos explorar a riqueza da tensão criada pelas várias perspectivas em jogo, que passarão a dançar na sala de aula e nas nossas cabeças (CHIAPPINI e MARQUES, 1986, p. 40).”

Na citação acima, vemos como o jogo entre as diferentes leituras possíveis de um texto literário pode ser extremamente instigante para a atividade docente, dinamizando a relação pedagógica entre professor e aluno, além de proporcionar um exercício de autonomia intelectual que contemple a singularidade de todos os indivíduos em sala de aula.

Podemos observar que a tecnologia tem sido uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento das habilidades de letramento, tanto na língua oral quanto na escrita. A tecnologia permite a comunicação instantânea e facilita o acesso a informações, o que pode ser muito útil em situações profissionais e acadêmicas. Além disso, a tecnologia oferece uma variedade de recursos, como corretores ortográficos e gramaticais, que podem ajudar a aprimorar a escrita. No entanto, é importante ressaltar que a tecnologia não pode substituir completamente a prática de leitura e escrita tradicionais. A habilidade de ler e escrever à mão, por exemplo, ainda é valiosa e deve ser desenvolvida juntamente com as habilidades tecnológicas. Apesar de a tecnologia ser uma ferramenta complementar importante para o letramento, não deve ser vista como a única forma de desenvolver essas habilidades, já que a internet nos passa uma informação e um juízo imediatos (muitas vezes com problemas de veracidade), o que nos tira a capacidade de ativamente raciocinar e construir um pensamento crítico.

Uma das razões pelas quais o letramento é importante é porque ele aborda o processo de escrita na sociedade e busca trabalhar em conjunto com as mudanças sociais e tecnológicas. Embora a internet e a tecnologia tenham trazido benefícios em termos de acesso a informações e conhecimentos, é importante também valorizar a experiência física e concreta com a literatura. Manusear o livro físico e escrever à mão, por exemplo, pode ser uma forma de desenvolver habilidades de comunicação e cognição mais eficazes e duradouras. Portanto, o letramento não busca se opor à tecnologia ou à internet, mas sim complementar e enriquecer a experiência educacional, buscando solucionar deficiências encontradas no âmbito educacional e preparar os indivíduos para um mundo em constante transformação.

### **1.1 - O impacto da experiência**

Sabemos que a experiência muda a nossa percepção com relação a diversas coisas do mundo e com a educação não é diferente. Precisamos nos deixar ser afetados por ela. Bondía define que esse sujeito da experiência:

“seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (BONDÍA, 2002, p. 24).

E assim podemos observar como a Literatura impacta desde aqueles que a produzem e chega até os docentes responsáveis pelo letramento literário.

Um outro aspecto que Bondía aborda tem muita relação com o que trabalharemos no último ponto deste trabalho: a ideia de como a arte imita a vida.

“O que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p. 27).

Com base nessa relação, trago a experiência que tive com alunos do 5º ano de uma escola da rede privada, onde a questão das escolhas de leitura não era tratada com o devido cuidado e importância. As crianças tinham acesso uma vez por semana a uma biblioteca muito bem equipada e disposta de diversos livros, sejam clássicos da literatura, histórias infanto-juvenis, revistas, gibis e etc. Elas possuíam a oportunidade de escolher um livro e, dentro de um prazo de quinze dias para leitura, devolvê-lo apresentando o porquê daquela escolha.

O que me chamou atenção nessa primeira experiência de seleção de livros foram os títulos que não revelavam criticidade alguma, não sinalizavam abordar questões sociais importantes para gerar um crescimento no indivíduo. Não se observava interesse por obras que possibilitassem mergulhos mais profundos na interpretação e assimilação da realidade. Imagino que, quando se tem uma biblioteca e os estudantes estão ali para aprender sobre a importância da leitura, deveria ser abordado em primeiro instante o que é a literatura, a fim de despertar a consciência da natureza daquele espaço e o tipo de experiência a ser ali vivenciada (bem como de toda a sua potencialidade). Buscar desde cedo aplicar o senso crítico de várias maneiras a fim de auxiliar na escolha de uma obra literária, de modo que o aluno leve em consideração a qualidade da escrita, a profundidade do enredo, a relevância temática, a originalidade, a autenticidade cultural e a representatividade. O leitor também pode avaliar a obra a partir de sua própria experiência pessoal, identidade e perspectivas.

A escolha de uma obra literária feita com senso crítico envolve, portanto, um processo reflexivo e consciente que busca selecionar uma obra que tenha valor e significado para o aluno e que possa enriquecer seu repertório cultural e humano, abrindo um espaço de intertextualidade com outras obras visuais, sonoras e de matrizes culturais diversas.

Nessa experiência, pude perceber que nenhum aluno ali parecia se interessar por leitura, não havendo espaço para uma discussão mais ampla e coletiva, nem para a leitura de um pequeno trecho da história. Ao serem indagados sobre o que entenderam da leitura, o porquê de escolherem aquele livro, a resposta era unânime: “achei legal”, “a capa me chamou atenção”, mas ninguém desenvolvia realmente a fundo sobre o que tratava o tema. Para eles o que valia e era bacana eram os títulos que traziam palavras engraçadas, ou histórias curtas que não tomassem muito tempo para ler e compreender.

Durante o debate pós-leitura, enfrentamos uma situação incômoda devido à falta de um roteiro prévio para orientar a discussão. Além disso, os alunos não demonstraram interesse na discussão apesar de se estar em um ambiente oportuno para tal. Infelizmente, esse tipo de comportamento por parte tanto do profissional quanto dos estudantes pode prejudicar significativamente o desenvolvimento do letramento literário. É importante reconhecer essas dificuldades e buscar estratégias pedagógicas para promover um ambiente de aprendizagem mais propício à discussão e análise de textos literários.

O que chama atenção nessas cenas supracitadas é que os alunos que iniciam uma vida estudantil mais desregrada e se apegam cada vez mais ao que o lado tecnológico tem de convencimento e facilidade, como, por exemplo, as dancinhas da atualidade, acabam por não aproveitar um espaço que oferece, a partir dos livros, conhecimento histórico e consciência dos

dilemas de nossas próprias vidas e de toda a sociedade. Notamos que uma criança de 9-10 anos já possui seus interesses e suas vias de identificação para com o mundo e isso pode ser um gancho para uma melhor seletividade textual, um bom trabalho de campo, exploração de ideias etc. A atividade que testemunhei parece não ter sido frutífera nem para a escola e nem para o aluno. Serviu apenas para constar como uma obrigação curricular, uma atividade que apenas cria a aparência de letramento literário, sem necessariamente praticá-lo.

Nessa experiência, ignoraram-se todas as potencialidades do literário. Vasconcelos (2012, p. 21) destaca que “o texto literário é uma obra de natureza complexa, resultado de intenções, operações linguísticas e produção de sentidos que colocam em jogo o uso da linguagem além da referencialidade”.

E foi a partir dessa vivência que entendi mais ainda que o posicionamento do professor é tão importante para se ter uma sala de aula bem colaborativa. E vejo que isso me transformou para ser uma professora que está atenta às dificuldades e necessidades dos meus alunos. A docência só transforma o ser e deixa de ser um fardo se o profissional realmente a exerce, e eu tenho certeza da minha escolha todos os dias assim que piso na sala de aula.

## **1.2 - A experiência e o Letramento**

O Letramento Literário é um processo ilimitado, no qual são adicionados novos conhecimentos. Cosson (2021, p.25) afirma que “ao tomar o letramento literário como processo, estamos tratando de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico”. E aqui retomo a ideia de que a prática do letramento não deve ser resumida apenas à aula de língua portuguesa, mas sim abordada em em todo o âmbito escolar, na interdisciplinaridade, no ambiente domiciliar.

Cosson (2021) diz que as práticas de leitura na sala de aula precisam contemplar o processo do Letramento Literário, que não é apenas uma leitura superficial das obras e sim uma prática de discurso na qual os alunos devem tentar compreender os fatos ali dispostos e assim gerar a uma capacidade argumentativa sobre o conteúdo.

Precisa-se com urgência de uma dedicação dos professores para com os alunos, nesse sentido. Torná-los leitores críticos, explorar suas zonas de desconforto, fazer com que a leitura provoque incômodo ou prazer, a fim de trazer à tona as emoções e reflexões humanas que só são alcançadas quando a literatura expõe e mexe de fato com a conscientização pessoal, social e política do leitor, e isso só é capaz de existir por conta do que as linhas escritas nos revelam:

o amor, a solidariedade, a miséria e a violência que constituem a condição humana. Colomer (2007.p. 27), afirma:

“O texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura.”

O que trago aqui é a ideia de que a relação com os livros não pode ser definida como um produto para consumo. O livro *best seller* vende e chama mais pela sua capa do que pelo seu conteúdo. Devemos começar a pensar que vale mais a pena um livro que seja degustado a longo prazo por gerações do que a velocidade de reproduzir algo que se esgota rapidamente. Na leitura experienciada apenas como consumo, a única coisa a ser gerada é uma monetização e não uma construção cultural. E isso impacta na vida intelectual do ser humano, pois não haverá questionamentos, discussões e o exercício do pensamento.

Temos que entender que é um direito de todos converter-se em leitor, mas se de fato quisermos que isso ocorra, será necessário envolvimento e o espaço de encontros. A Literatura concede uma autonomia e um criticismo que permitem essa vivência que se desenvolve através de corpos políticos, sociais e humanos. Por isso que a mediação é imprescindível para a formação do leitor.

Cosson (2021) explica a sua metodologia para ensinar Literatura. Para ele, mediar entre leitor e obra é colocar o aluno como centro da leitura, entusiasmando-o para realizar as leituras dos textos disponibilizados e fazer um deslocamento do papel do professor que o retira da sua posição hierarquicamente superior. O autor faz uma ressalva de que, por mais que o aluno seja o protagonista da leitura, a estrutura da aula e o cumprimento dos objetivos é desenvolvido pelas preparações pedagógicas do professor. Ou seja, mediar é uma estratégia triplamente compartilhada entre aluno, professor e escola, levando em conta as particularidades comunitárias e projeto político-pedagógico da instituição.

É improdutivo disponibilizar diversos títulos aos alunos sem fazer uma preparação para aquela leitura. O objetivo de uma leitura não é apenas chegar ao final das páginas, mas sim conseguir abrir-se para o que as palavras nos transmitem - sensações, desejos, ambições, reflexões. Através da mediação, consegue-se observar o quanto ela foi efetiva a partir do momento em que as respostas às interpretações textuais não sejam o único foco e sim as provocações que o livro trouxe aos estudantes.

## 2 - CLARICE LISPECTOR, O GÊNERO CONTO E O PÚBLICO INFANTOJUVENIL

Clarice possui uma marca muito interessante em seu trabalho que é nos encaminhar rumo ao desconhecido. Somos obrigados a nos deslocarmos de nós mesmos para que soframos uma metamorfose, assim como uma lagarta para se transformar em uma bela borboleta. Começamos um texto dela assim, desnudos, imaturos e terminamos de fato extasiados e cheios de si. Ou seja, iniciamos seus textos pouco preparados para as palavras e as atitudes fortes que ela transmite, e vivemos uma fase de metamorfose textual, em que, ao sairmos desse casulo clariciano, alcançamos um grau de entendimento, maturidade e choque de realidade que nos torna leitores preparados para apreender os lances cotidianos com outro ponto de vista.

Clarice não faz adaptações previsíveis para as faixas etárias, o que é instigante em termos pedagógicos, ainda mais quando falamos na iniciação de jovens leitores ao universo literário. O que torna um texto clariciano diferente dos demais é a mobilização profunda das estruturas subjetivas e corporais dos leitores - trazendo-os para seu mundo particular e trabalhando a sua capacidade de sair do eixo clichê do “final feliz” e, ao invés disso, causar incômodo, estranhamento. Embora seja verdade que uma leitura fluida facilita o entendimento do texto, a literatura oferece muito mais do que simplesmente informação ou entretenimento. A literatura pode ser vista como uma forma de arte que desafia o leitor e o convida a se envolver em um processo de autodescoberta e crescimento pessoal.

Através da exposição a diferentes perspectivas e experiências, a literatura pode agir como um movimento libertador, provocando mudanças significativas no leitor e na forma como ele se relaciona com o mundo. Conflitos e tensões presentes nas narrativas literárias podem estimular o desenvolvimento da criticidade textual do leitor, fazendo com que ele questione suas próprias crenças e valores, ao mesmo tempo em que se abre para novas possibilidades e maneiras de pensar.

Dessa forma, a literatura oferece uma via para o desafio e a superação de limitações pessoais, promovendo a expansão da consciência e o amadurecimento do leitor. Portanto, é importante valorizar não apenas a fluidez da leitura, mas também o potencial transformador da literatura em nossas vidas.

## 2.1 - O Gênero Conto

O conto é um gênero literário que se caracteriza pela concisão, pela narrativa curta e pela presença de elementos simbólicos e alegóricos. Em geral, o conto tem um único núcleo temático e se concentra em explorá-lo de forma profunda e sugestiva.

O potencial do conto na educação básica é enorme, já que ele pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica eficaz para desenvolver habilidades de leitura e escrita, bem como para estimular a imaginação e a criatividade dos alunos. Os enredos complexos e ambíguos requerem interpretação cuidadosa e reflexão crítica, o que ajuda a desenvolver habilidades importantes, como a capacidade de analisar textos, interpretar símbolos e alegorias, além de argumentar de forma convincente na direção de juízos interpretativos. No mais, por ser uma forma narrativa curta, é uma excelente opção para leitura em sala de aula, permitindo que o professor explore de forma mais aprofundada a linguagem, a estrutura narrativa e os elementos simbólicos e alegóricos presentes na obra.

O conto também pode ser uma ferramenta valiosa para o ensino de valores e princípios éticos. Muitos contos apresentam dilemas morais ou questões sociais relevantes de forma densa e condensada, permitindo que os alunos reflitam sobre esses temas de uma forma mais profunda e pessoal.

No ensaio “Alguns aspectos do conto”, do escritor argentino Júlio Cortázar, o escritor expõe uma tentativa de “definição” do que para ele vem a ser o conto:

“É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a idéia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência”. (CORTÁZAR, 2006, p.150)

Em primeiro lugar, Cortázar destaca a importância da brevidade e da concisão no conto. Segundo ele, o conto deve ser "uma experiência intensa e única", capaz de condensar em poucas páginas toda uma visão de mundo ou uma perspectiva particular sobre a realidade. Para isso, o conto precisa ser construído de forma cuidadosa, com atenção especial para a linguagem, a estrutura narrativa, e a tensão constante que busca reter o interesse do leitor.



Outro aspecto essencial do conto, na visão de Cortázar, é a presença de uma "reviravolta" ou "surpresa" no final da narrativa. Essa reviravolta pode ser entendida como um momento de revelação ou de mudança súbita na trajetória da história, que transforma a experiência imediatamente anterior e faz o leitor repensar todo o sentido da narrativa. Segundo Cortázar, essa surpresa é fundamental para o impacto emocional e intelectual do conto, já que faz com que o leitor se envolva de forma mais profunda e pessoal com a história.

Além disso, Cortázar destaca a importância da imaginação e da criatividade no conto. Para ele, o conto é um gênero que permite ao escritor explorar livremente sua imaginação, criando mundos e personagens singulares, que desafiam as convenções da realidade. Por isso, o conto é um gênero literário que está em constante evolução, aberto a novas experimentações e propostas estilísticas.

Por fim, Cortázar destaca o papel do leitor no conto. Segundo ele, o leitor é um elemento fundamental na construção do sentido da história, já que é ele quem completa as lacunas deixadas pelo autor e quem atribui significado aos elementos simbólicos e alegóricos presentes na narrativa. Para Cortázar, o conto é um gênero literário que não se esgota em si mesmo, mas que se renova a cada leitura, graças à participação ativa do leitor na construção do sentido da história.

## **2.2 - Clarice para crianças e jovens**

A literatura infantil, assim como qualquer objeto literário, é uma representação do mundo, do homem e da vida por meio de palavras. Mas ela possui singularidades, que consistem geralmente em conduzir a criança ao encontro da sua própria imaginação.

Em suas narrativas voltadas para as crianças, Clarice Lispector não trabalha com a ideia do príncipe encantado que vem para salvar a princesa. A ação é totalmente humana e se defronta com o desconhecido. Os personagens transmitem angústias justamente por terem essa consciência do mistério da vida.

Ao observarmos *O mistério do coelho pensante*, conseguimos ter um bom exemplo disso. Os fatos são concretos e é a partir deles que o mistério se instaura: como aquele coelho, que não falava, conseguia sempre pensar em um modo de escapar.

Conseguimos observar, assim, que a autora foge do senso comum que relaciona os contos infanto-juvenis a fábulas reprocessadas pela cultura de massas, subestimando o leitor e empurrando seu teor moralizante com a finalidade de contentar uma espécie de gosto médio.

Isso até pode satisfazer o apetite intelectual infantil, mas dentro de uma lógica que, no entanto, pressupõe o rápido descarte da obra em favor da próxima na cadeia de consumo.

Ao fazermos uma breve apresentação desse conto - *O mistério do coelho pensante* -, conseguiremos perceber os fatos que movem as narrativas clariceanas. Como, por exemplo, utilizar animais em suas histórias, personificando-os de maneira singular para fugir dos clichês fabulares dos contos infantis.

Clarice iniciou sua escrita na literatura infanto-juvenil, em 1967. A sua história para esse público deu-se a pedido de seu filho, Paulo, para que ela fizesse uma história para ele. Ela entra nessa ideia, pois queria que seus filhos não se sentissem excluídos do seu trabalho e, com isso, surge *O mistério do coelho pensante*.

Logo em sua introdução, Clarice já traz uma informação um tanto quanto estranha para um conto.

Como a história foi escrita para uso exclusivo doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais e mães, tios e tias, e avós, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar. (LISPECTOR, 2010, p. 67-68)

Ora, nesse trecho a própria narradora sugere que os leitores atuem como uma parte ativa e explícita do processo de leitura. Podemos aqui retomar a ideia de Cosson (2021), que afirma que a leitura é um dos passos para a construção da aula de Literatura, ou seja, é necessário uma boa fluência de fala daquele que lê, além da consciência do uso da voz e da entonação para enfatizar certos elementos da narrativa, criando um ritmo que ajuda a envolver os ouvintes e a transmitir a atmosfera e a emoção do texto. Isso envolve não apenas ler o texto em voz alta, mas também usar pausas, inflexões e variações no tom de voz para dar vida aos personagens, aos diálogos e aos acontecimentos da história.

Essa habilidade é importante para a construção da aula de Literatura, pois ajuda a criar uma experiência mais envolvente e memorável para os alunos. Quando um professor consegue envolver seus alunos com a história por meio de uma leitura bem ritmada, ele pode ajudá-los a desenvolver um interesse mais profundo pela literatura e a se tornarem leitores mais críticos e engajados.

A ideia de Cosson de que a leitura é um passo fundamental para a construção da aula de Literatura é muito pertinente. As recomendações para uma leitura fluente e bem ritmada são importantes não apenas para ajudar os alunos a compreender melhor a ideia a ser transmitida, mas também para tornar a experiência de leitura mais agradável e envolvente. Além disso, a

mediação textual por meio de ênfases e comentários pode ajudar os alunos a desenvolver um olhar crítico mais apurado, levando-os a perceber nuances e detalhes que poderiam passar despercebidos em uma leitura mais superficial.

Ao mediar a leitura de um texto, o professor tem a oportunidade de destacar aspectos importantes da narrativa, enfatizar os pontos mais relevantes e estimular o debate e a reflexão crítica dos alunos. Dessa forma, a mediação textual pode ser um recurso valioso para ajudar os alunos a desenvolver suas habilidades de leitura e interpretação, além de incentivar a criatividade e a imaginação.

Um outro fato interessante nessa narrativa é o que poderíamos chamar de “contribuição forçada”, que remete ao fato de as crianças sempre desejarem saber o porquê das coisas. Pela sagacidade na transmissão de imagens vivazes para o papel e a linguagem escrita, Clarice alerta aos leitores (crianças e adultos) que o mistério deve ser resolvido por eles. Com isso, ela faz com que a capacidade intelectual da criança não seja subestimada, incentivando novas descobertas e conhecimentos.

“esse “mistério” é mais uma conversa íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa do que seu aparente número de páginas. Na verdade, só acaba quando a criança descobre outros mistérios.” (LISPECTOR, 2010, p. 68).

Essa história cria uma atmosfera de proximidade com o leitor, pois ela é uma “conversa íntima”, ou seja, realiza uma conexão ainda maior com o seu leitor, dando a ele liberdade de não somente encontrar um desfecho, mas de também encontrar por si seus próprios mistérios. Com esse tom de intimidade, cria-se a possibilidade de que a leitura faça com que encontremos significados dentro de nós mesmos, através de brechas pelas quais os leitores entram e as preenchem de acordo com suas vivências e leituras de outras obras. Chamamos isso de interpretação e é através dela que uma obra se torna inesgotável, devido ao acesso de diversos leitores e seus milhares de possibilidades interpretativas possíveis.

Outro fator interessante é a paixão de Clarice em trabalhar com animais nas suas narrativas. O que nos insere em um mundo real e hipotético ao mesmo tempo. A autora realiza uma personificação do coelho, concedendo-lhe o ato de pensar. Isso faz com o que o leitor passe a observar mais detalhadamente seus próprios animais e tentar desvendar algum mistério que nele possa existir. Nesse sentido, a obra de Clarice desperta o mesmo sentimento do filme *Toy Story*, no qual os brinquedos ganham vida quando o seu dono não está presente. Esse elemento mexe com a cabeça da criança que passa a especular se aquilo é verdade ou não em seu mundo real.

Clarice trabalha essa espécie de personificação singular no seguinte trecho:

“O jeito de pensar as ideias dele era mexendo bem depressa o nariz. Tanto franzia e desfranzia o nariz que o nariz vivia cor-de-rosa. Quem olhasse podia achar que pensava sem parar. Não é verdade. Só o nariz dele é que era rápido, a cabeça não. E para conseguir cheirar uma só ideia, precisava franzir quinze mil vezes o nariz.” (LISPECTOR, 2010, p. 70).

Aqui ela traz um movimento que é inerente à biologia do coelho e associa-o ao ato de pensar, além de exteriorizar como algo que pode servir para aguçar os sentidos. Ou seja, podemos interpretar que as ideias não dependem tanto de nossa capacidade intelectual de produzir algo novo, mas sim de conseguir observar o mundo e transformá-lo. E isso é refletido pelo texto quando se diz que o nariz do animal era rápido, mas sua cabeça não. O que nos leva a compreender que esse processo de reconhecer o mundo não necessariamente depende de uma mente veloz e privilegiada - e, conseqüentemente, inacessível. O universo pode ser sentido através do nosso olhar, e também do olhar dos outros sobre nós. Farejar ideias para o coelho é sentir o mundo e suas sensações para os humanos.

Mediante o exposto, nota-se que um leitor clariciano, independente da narrativa que leia, vai se deparar com críticas, desconstruções de si mesmo, pensar além do horizonte inerente ao ser. E é dentro disso que o conto a seguir foi selecionado, a fim de trazer uma reflexão bastante importante para a sociedade atual, acerca do desprezo pela maturidade e os relacionamentos familiares falidos - o que se encaixa em qualquer etapa da vida do ser humano. As cenas desse próximo conto, “Feliz aniversário”, trarão reflexões pelas quais com certeza muita gente já passou, ou ainda passa. Reflexões essas que podem começar logo ali, talvez no cômodo ao lado, no cotidiano que consideramos mais familiar. Basta saber olhar a realidade com outros olhos.

### **3 - FELIZ ANIVERSÁRIO: VIVÊNCIA E LETRAMENTO**

Sabe-se que a leitura possibilita ao leitor adquirir uma visão crítica do mundo, além de uma extensa bagagem cultural e a expansão dos pontos de vista. Outra contribuição que auxilia nesse despertar do senso crítico é torná-lo capaz de opinar sobre diversos assuntos e temas de nossa sociedade, capacitando-o para questionar e propor soluções.

Para que os estudantes consigam sucesso em suas leituras e adquiram as habilidades desenvolvidas, é necessário que o docente esteja consciente da metodologia e dos recursos utilizados em sala. A partir disso, o professor compreenderá que os objetivos de uma aula estão intimamente associados às potencialidades dos alunos na reflexão e na ação perante as diversas situações sociais e afetivas.

Através dessa perspectiva, teremos como base as etapas da chamada “sequência didática básica”, proposta por Cosson (2021), trabalhando quatro momentos de experiência literária do famoso conto de Clarice.

Para criar uma atmosfera de encontro com o texto, aqui veremos um pequeno resumo da obra e em seguida descreveremos os pontos da sequência básica que envolverá o conto e seu desenvolvimento numa hipotética sala de aula.

A história se passa em um bairro da zona sul do Rio de Janeiro - Copacabana - local onde a personagem principal reside. A família advém de outros bairros da cidade e resolve reunir-se para comemorar o aniversário de 89 anos de Anita, a matriarca. Tudo começa a se delinear no momento desse encontro formal, que, de início, pensamos ser uma festa de aniversário, como o próprio título nos diz. Porém, no desenrolar da narrativa a situação toma outra proporção.

A partir dessa apresentação inicial, conseguiremos levantar diversas hipóteses que nos auxiliarão a empreender o caminho da interpretação, a julgar com um olhar crítico os personagens, refletir sobre questões sociais, dialogar com a sua realidade e, por fim, apresentar uma dinâmica conclusiva, mas não exaustiva, do conto em questão.

#### **3.1 - Motivação**

Na sequência básica proposta por Cosson, a motivação é uma etapa fundamental para a construção da aula de Literatura. Ela se refere à necessidade de despertar o interesse dos alunos pelo tema a ser estudado, criando um clima favorável para a aprendizagem e estimulando a

curiosidade e a participação ativa dos estudantes. Existem algumas estratégias, como, por exemplo, apresentação do tema a partir de recursos audiovisuais, como filmes, animações ou fotografia; exploração de temas relacionados ao cotidiano dos alunos, a fim de estabelecer uma conexão mais direta com suas experiências e interesses; utilização de recursos interativos, como jogos, debates, simulações e outros recursos que permitam a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento, que podem ser utilizados para os motivar.

O trabalho com a motivação proposto por Cosson contribui para o desenvolvimento de habilidades críticas e interpretativas dos alunos, criando um ambiente de aprendizagem mais estimulante e participativo, favorecendo a construção do conhecimento de forma mais significativa e prazerosa para os alunos.

Nesse 1º momento, propomos uma discussão sobre o tema “Aniversário”, direcionando os estudantes a refletirem sobre o tema saindo um pouco do eixo comum. Pode-se pedir que compartilhem memórias afetivas de aniversários passados, com suas respectivas tradições e peculiaridades familiares.

Mesmo sem saber ainda o título e sobre o que se trata o conto, já vai se despertando um repertório comum, que será mobilizado durante a interpretação do conto.

Para Cosson (2021), o letramento literário não se resume apenas à habilidade de manusear textos literários, mas exige do leitor uma atualização constante em relação ao universo literário. Isso implica em desenvolver uma capacidade crítica e reflexiva sobre a linguagem e suas diversas formas de uso social.

Nesse sentido, a BNCC propõe que os alunos aprofundem seus conhecimentos em relação à oralidade, entendendo-a como um fenômeno complexo que envolve não apenas a produção de discursos, mas também a recepção, interpretação e compreensão desses discursos em diferentes contextos.

Portanto, a motivação de Cosson em relação ao letramento literário se relaciona com as etapas dos anos finais da BNCC ao enfatizar a importância da reflexão crítica sobre a linguagem e suas diversas formas de uso social, incluindo a oralidade como uma das formas mais comuns de interação discursiva no contexto escolar e na vida em sociedade.

### **3.2 - Introdução**

O passo introdutório é uma ponte entre a motivação e a leitura. Aqui estabelecemos uma breve apresentação do modo de escrita da autora, da sua vida e suas obras. Entretanto, “é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez

que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva.” (COSSON, 2021, p. 60).

Interessante também abordar o título do livro de Clarice Lispector em que se insere o conto - “Laços de família” - e recolher as sensações que esse título desperta nos alunos. O professor poderá utilizar o quadro branco ou de giz de modo a redigir uma definição coletiva a partir das impressões diversas coletadas de cada estudante. Esse primeiro contato atrai o leitor, pois nele há uma revelação e um mistério do que se espera do conto principal. Qual o tipo de relação que haveria entre o título do livro com o título do conto? O que se pode esperar dessa leitura? Buscamos um final feliz ou um final reflexivo? Todas essas questões corroboram para uma melhor fluidez da leitura e do entendimento textual. Já munidos com as informações mais relevantes, parte-se então para a leitura.

### 3.3 - Leitura

Em sala de aula, pode-se preparar um ambiente mais descontraído, simulando a decoração para uma festa de aniversário, o que traz em si a ideia de alegria, felicidade e bem-estar. Pode-se fazer uma mesa grande e bem enfeitada e, nela, como se fosse o cardápio, vem o conto. Após todos posicionados, dar-se-á início à leitura, podendo-se imprimir um tom até então leve, pois é como se espera que a atmosfera esteja no momento.

Após o posicionamento de todos, daremos início ao processo de leitura do conto, estabelecendo pontos específicos de pausa na leitura e discussão. Dentre esses pontos, sugerimos uma pausa reflexiva a partir do trecho em destaque abaixo:

“E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.” (Lispector, 2009, p.55)

Em vista desse primeiro ponto destacado e de parada obrigatória, o mediador já consegue levantar algumas reflexões importantes, como por exemplo, a visão negativa sobre a velhice. Tal visão pode influenciar na forma como os idosos são tratados em diversos ambientes, inclusive no contexto da mediação de leitura. É importante que o mediador tenha em mente que o idoso é um ser humano com história, vivências e conhecimentos acumulados ao longo de sua vida, e que essas experiências podem enriquecer a leitura e a compreensão do texto. Em geral, uma visão humanizada do idoso pode ser aplicada ao conto ao explorar as

motivações e complexidades da personagem Anita. Mesmo que ela seja retratada inicialmente como uma matriarca terrível e cruel, a análise mais profunda pode revelar as razões por trás de seu comportamento, como experiências passadas, traumas ou mesmo a solidão e o medo de envelhecer. Ao fornecer contexto e nuances à personagem, é possível desconstruir a imagem inicialmente negativa e revelar a humanidade subjacente a ela. Isso não significa justificar ou desculpar suas ações, mas sim compreender os motivos por trás delas. Essa compreensão pode levar a uma reflexão sobre como as experiências e emoções podem moldar o comportamento das pessoas, inclusive na velhice. Assim, a visão humanizada sobre o idoso no conto pode buscar desconstruir a imagem inicial de Anita, explorando suas motivações e as complexidades de sua personalidade. Isso permite uma análise mais profunda da personagem, além de abrir espaço para uma reflexão mais ampla sobre a natureza humana e as diferentes facetas do envelhecimento.

Interessante ressaltar que explorar a perspectiva do olhar humanizado não necessariamente desculpa ou busca justificativas para coisas ruins, mas sim reconhece a ambivalência dos seres humanos. A ambivalência refere-se à coexistência de sentimentos ou atitudes contraditórias dentro de uma pessoa. Nesse contexto, um olhar humanizado pode ser aquele que reconhece que os seres humanos são complexos e podem exibir tanto características positivas quanto negativas.

Esse olhar humanizado que abraça a ambivalência não busca simplesmente desculpar ou encontrar justificativas para comportamentos negativos, mas sim compreender a natureza multifacetada das pessoas. Ele reconhece que os seres humanos são capazes de fazer tanto coisas boas quanto ruins, e que nem sempre existem respostas simples ou soluções claras para as contradições que surgem.

Esse tipo de perspectiva pode levar a uma compreensão mais profunda e compassiva das pessoas. Em vez de julgar ou condenar alguém por um único ato negativo, um olhar humanizado permite que se leve em consideração o contexto, as circunstâncias e as complexidades da experiência humana. Isso não significa ignorar as consequências negativas de ações prejudiciais, mas sim reconhecer que todos nós estamos sujeitos a erros e temos potencial tanto para a bondade quanto para a maldade.

Através desse ato, podemos promover a empatia, a compreensão e a busca por soluções construtivas. Reconhecer a ambivalência dos seres humanos nos permite enxergar além das ações superficiais e compreender melhor as motivações, as lutas internas e as nuances de cada indivíduo. Dessa forma, podemos cultivar relações mais saudáveis, promover a cura e trabalhar para construir um mundo mais compassivo e inclusivo.



O que se pode inferir do texto é que Anita tem esse lado bom e ruim, ela não faz o estilo vovó “comercial de manteiga”. Ela configura um sintoma da negligência da sociedade em relação às pessoas mais velhas, mas também carrega em si uma humanidade complexa e muitas vezes contraditória, o que vem a ser explorado nessa etapa com a quebra de expectativa da postura até agora ilustrada pela idosa sentada à mesa, como se fosse parte dos móveis. A partir de um novo dado da narrativa, revela-se uma nova faceta de seu comportamento e aparência:.

“Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada.”

A reflexão a ser dialogada aqui trabalha sobre a figura materna e a relação dela com seus descendentes. A personagem, que é uma idosa, sente-se sufocada pela presença de todos os seus filhos, netos e bisnetos ao seu redor, como se estivesse sendo oprimida por eles. Ela tem uma visão crítica e amarga sobre a vida e o papel da maternidade. No entanto, há uma exceção, seu neto Rodrigo, que é descrito como a "carne de seu coração". Essa figura masculina é vista como viril e despenteada, em contraste com a figura feminina e idosa da personagem. A análise dessa passagem revela uma reflexão sobre a relação familiar e o papel das figuras materna e paterna na vida dos filhos. Ao trazer essa temática para o ambiente de sala de aula, a mediação proporciona um espaço seguro para que os alunos expressem suas opiniões, compartilhem suas experiências e discutam questões relacionadas aos conflitos entre pais e filhos. Isso permite que eles desenvolvam habilidades de comunicação, empatia e resolução de problemas.

Através dessas discussões mediadas, os alunos são encorajados a considerar diferentes perspectivas, questionar seus próprios pontos de vista e buscar soluções construtivas para os desafios que enfrentam nas relações familiares. Essa reflexão e diálogo promovidos pela mediação ajudam a fortalecer os laços familiares, promovendo um ambiente de compreensão e respeito mútuo.

Portanto, a mediação oferece aos alunos a oportunidade de explorar as complexidades das relações entre pais e filhos, compreendendo melhor as perspectivas e necessidades de cada lado. Esse processo de reflexão e entendimento mútuo contribui para um crescimento pessoal e emocional significativo, além de auxiliar na construção de relações mais saudáveis e harmoniosas dentro e fora da sala de aula.

Não obstante, mesmo tendo como ponto-chave a dualidade comportamental de Dona Anita, tem-se um outro ponto a ser destacado que gera uma reflexão anexa ao que foi discutido anteriormente. A posição da nora de Olaria e sua relação com a família de seu esposo.

“A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados — e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.”

Aqui se observa como as aparências enganam: a nora de Olaria, da mesma forma que a matriarca Anita, guarda dentro de si ressentimentos e afetos que ficam encobertos por uma aparência de superioridade. A partir das descrições dessa personagem, sugerimos um exercício que trabalha a identificação: cada aluno pode escrever num pedaço de papel um adjetivo a ser atribuído à nora de Olaria. Depois, o mediador da leitura sorteará um ou mais papéis, e os autores dos adjetivos escolhidos poderão compartilhar uma memória pessoal relacionada à palavra.

Por fim, cabe lembrar que a própria etapa da leitura abrange uma relação com o texto que prescinde de qualquer influência por parte do mediador ou docente:

“O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. É o que gostamos de chamar de encontro do leitor com a obra.” (Cosson, 2021, p. 65)

É importante lembrar que a leitura e a interpretação de um texto podem envolver diferentes perspectivas e pontos de vista. Embora o autor e suas intenções sejam importantes, a leitura também pode ser um processo coletivo e compartilhado, em que diferentes leitores contribuem com suas próprias experiências, conhecimentos e visões de mundo. Nesse sentido, as sugestões de interpretação que foram apresentadas levam em consideração não apenas as ideias de Cosson, mas também outras abordagens críticas e diferentes maneiras de entender o texto. O objetivo é criar um espaço de diálogo e reflexão em que todos possam participar e contribuir para uma compreensão mais rica e complexa da obra.

O processo de transição da sequência de leitura para interpretação, segundo Cosson, envolve cinco passos: leitura atenta do texto; situar o texto em seu contexto histórico, social e cultural; formulação de hipóteses interpretativas; validação das hipóteses; e elaboração de uma síntese interpretativa. Cada passo é importante para compreender e construir um significado

mais amplo para o texto, levando em consideração tanto o texto em si quanto o contexto em que foi produzido e recebido. O objetivo é construir uma visão mais rica, complexa e significativa do texto e suas relações com a sociedade em que foi produzido e recebido.

### **3.4 - Interpretação**

O momento da interpretação é o ápice do processo da leitura, pois é nessa etapa que os leitores preencherão as lacunas textuais com suas ideias. É nesse encontro individualizado com a obra que se compõe o núcleo da experiência literária, e o qual não pode ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico. Na trilha da leitura literária, o processo pode ser visto como um labirinto complexo. O leitor deve se valer de diversas ferramentas para conseguir percorrer esse caminho, dentre as quais se destacam a motivação e a compreensão do texto. São elas que ajudam a guiar o leitor e tornam possível a compreensão da obra

Segundo Cosson (2021, p. 65), o contexto em que o leitor está inserido, incluindo sua história pessoal e suas relações familiares, pode afetar de maneira positiva ou negativa a interpretação da obra. Isso ocorre porque a interpretação é moldada pela bagagem individual de cada leitor no momento da leitura. Apesar de parecer uma experiência pessoal e íntima, é importante ressaltar que a leitura é um ato social, uma vez que o contexto cultural e social do leitor pode ter influência direta em sua interpretação da obra.

Cosson (2021, p.65) também fala sobre o momento externo, que é o momento da concretização dessa interpretação com relação à comunidade que o cerca. Nessa perspectiva, consegue-se aproximar ainda mais o leitor de tantas reflexões socialmente plausíveis a partir do intercâmbio de interpretações. Por exemplo, o conto aborda muito a ambivalência entre o ser e o parecer, por exemplo, nos casos da nora de Olaria e da própria protagonista do conto, Anita.

Observa-se aí uma faceta interessante dos conflitos familiares, que certamente os alunos já presenciaram em suas próprias vivências. Fazer com que os alunos troquem essas experiências, refletindo sobre elas a partir do conto, pode gerar novas formas de enxergar os dilemas e tensões que perpassam a vida de todas as famílias.

Outros detalhes que sugerem a tensão entre sentimentos internos e as condutas sociais podem ser explorados. A suposta união familiar que se mostra frustrada, como na hora do parabéns em que uns cantam em inglês e outros em português. O desconforto presente na festa familiar faz os personagens agirem de modo hipócrita, mostrando-se felizes quando na verdade desejariam não estar ali. Ou seja, ao querer agradar a todos e mostrar afeto pela matriarca uma

vez ao ano, não se agrada ninguém e apenas se encena uma pantomima de família feliz. E o pior: essa imersão de toda família nas convenções sociais “exigidas” acaba por deixar a matriarca de lado, sendo paradoxalmente tratada com indiferença e constrangimento.

Tais pequenos detalhes vão adicionando maior riqueza às interpretações individuais, que serão úteis na fase avaliativa. Todo esse complexo informativo vai sensibilizar o leitor para a importância dos pequenos gestos, dos silêncios constrangidos, das frases-clichê sobre a longevidade da matriarca, mostrando o quanto devemos reparar mais nas nossas próprias famílias.

“Estimular atividades sensibilizantes, preparatórias; desenvolver as capacidades de ler e escrever como formas de apreensão do mundo; aproximar o texto da realidade psicológica e social do aluno, como meio de refinamento cognitivo e emocional, bem como socializador; valer-se da tradição literária para o conhecimento da herança cultural, condição indispensável para a atuação inovadora e criadora do aluno em termos existenciais; apurar o senso crítico do jovem leitor em relação aos textos que consome, a fim de que estes lhe abram caminho para a avaliação da realidade e de si mesmo” (AGUIAR, 1988, p. 104).

Talvez o ponto mais surpreendente para os alunos seja o fato de que Anita, a personagem principal, se manifesta por meio do ato de cuspir no chão, no qual parece que ela está a cuspir na cara de todos que estão ali presentes, seus filhos e filhas, netos, bisnetos, condenando a incapacidade deles.

Ao finalizar toda interpretação, pode-se estabelecer mais trocas de experiências a partir de questionamentos, como: por que só damos valor à vida após a perda de alguém querido? Será que conhecemos algumas noras de Olaria, Ipanema ou até uma própria Zilda em nossa família? Será que somos nós ou temos alguém que represente a imagem da matriarca? A reflexão deste texto vale apenas para aniversários ou podemos correlacionar a outras situações da vida?

Por fim, após o debate, é necessário voltar e observar o modo como a sala de aula se encontra. Algumas bolas murchas, a bagunça, as expectativas que foram quebradas. Tudo isso nos engloba ainda mais na atmosfera em que os personagens estavam imersos e isso auxilia ainda mais na construção da análise literária. Uma das coisas mais bonitas da literatura é que ela toca na dor que temos ou nos ajuda a ter empatia com a dor do outro.

### 3.5 - Oficina Avaliativa

“ O objetivo maior da avaliação é engajar o estudante na leitura literária e dividir esse engajamento com o professor e os colegas - a comunidade de leitores” (Cosson, 2021 p. 113)

Temos em mente que o processo de avaliação é um mecanismo de registro e de controle da aprendizagem. Com isso, acaba por deixar de lado as reflexões e a valorização de toda compreensão adquirida pelo aluno, engessando-o a um sistema automático de apenas gravar a matéria para a prova, ou até mesmo trabalhar interpretações textuais superficiais e sistemáticas. Para romper essa barreira, é necessário que haja uma imersão do aluno com a leitura e a crítica literária, mostrando que as suas visões pessoais e sociais valem e ajudam no processo do letramento literário.

Baseando-me nas oficinas dispostas no livro de Cosson, selecionei uma chamada “O Visitante”, visando estimular ainda mais o entendimento e compreensão dos temas abordados no conto fazendo com que o aluno sintá-se dentro dele, podendo ali expressar as suas perspectivas e dar a oportunidade de solucionar alguns problemas.

“Como forma de efetivar uma interação do aluno com o texto lido, o professor pode apresentar uma personagem que “visitou” a história. O aluno assume o papel dessa personagem e conta o que viu ou viveu. Alternativamente, o próprio aluno pode inventar uma personagem que teria vivido a história sem o conhecimento do narrador e a apresenta aos colegas.” (Cosson, 2021, p.132)

Nessa oficina, os alunos teriam um tempo hábil para pensar e buscar como vivê-la e um modo de apresentar aos colegas. Eles poderiam ser uma vizinha que conhece a família, uma das noras dando sua visão sobre o tema, podendo até mesmo ser um observador distante da história, como o porteiro do prédio. O método de apresentação se daria por escolha deles, como, por exemplo: trajar-se como o personagem escolhido, simulando uma personalidade específica, com gestual e perspectiva própria sobre a festa. Essa ideia lúdica auxilia ainda mais no aprendizado e na construção do letramento literário.

“ Por fim, se estamos criando um espaço no qual os alunos estão lendo literatura com objetivo, precisamos resistir à tentação de avaliar a performance do aluno a cada momento ou valorizar com pontos cada atividade realizada. Na verdade, devemos ter sempre em mente que a leitura literária é um processo que vai se aprofundando à medida que ampliamos nosso repertório de leitura e a avaliação deve acompanhar esse processo sem lhe impor constrangimentos e empecilhos. Da mesma forma, a avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor; antes deve ser um espaço de negociação de interpretações diferentes. São essas negociações que conduzem

à ultrapassagem das impressões iniciais individuais e configuram o coletivo da comunidade de leitores.” (Cosson, 2021, p.115)

Perante essa mediação, buscamos incitar os hábitos de leitura literária com o objetivo de formar sujeitos que estão dispostos a atravessarem essa experiência. Desejamos que esses leitores, a partir das leituras iniciadas com Clarice Lispector, busquem desbravar outros autores e outras literaturas. E que através da tarefa aqui desenvolvida persistam na vivência literária, refletindo, pensando e perscrutando a realidade, a fim de alcançar um ideal. Que façam desse momento uma revolução necessária tanto para a vida do leitor quanto para a sociedade.

## CONCLUSÃO

No decorrer desta monografia, observamos a importância da mediação no ensino da Literatura. Para ser um leitor crítico, é necessário ir além da simples decodificação do texto. É preciso que o leitor se abra para uma relação ativa com a obra, buscando compreender não apenas o que está escrito, mas também o que está subentendido, os diferentes sentidos que podem ser atribuídos às palavras, a estrutura da narrativa e seus elementos literários.

Nesse sentido, a mediação do professor é fundamental para que o aluno desenvolva essa capacidade de leitura crítica. É necessário que o docente incentive o aluno a questionar o texto, a buscar diferentes interpretações, a relacionar o texto com o contexto histórico e social em que foi produzido, a identificar as intenções do autor e os elementos que compõem a obra.

Dessa forma, a formação de um leitor crítico não se limita apenas à habilidade de ler e interpretar textos literários, mas envolve um processo de reflexão e análise que permite ao leitor compreender e dialogar com o mundo ao seu redor. É por meio dessa abertura nas relações com a literatura que se pode formar cidadãos mais conscientes, capazes de refletir sobre a realidade e de transformá-la de forma crítica e criativa.

A obra selecionada para análise, “Feliz Aniversário”, possui um grande potencial de aprofundamento da perspectiva sobre as relações humanas. Entretanto, para essa finalidade ser alcançada, exige-se que o leitor se abra para o que as linhas do conto querem transmitir, e para isso o professor deve ser a chave principal nesse processo. Nós, enquanto professores de língua e literatura, devemos fomentar desde cedo os nossos alunos esse movimento mais reflexivo e crítico, influenciando na capacidade de associação a diversas áreas do saber, e também fazendo-os questionar seu lugar no âmbito social e subjetivo.

A Literatura desempenha um papel fundamental em nossas vidas, já que as histórias presentes em seus textos ressoam em nossas experiências pessoais. É um processo mágico, mas desafiador. E constatamos isso diante de uma sociedade que é cheia de certezas prévias, preconceitos e intolerâncias nas suas diversas camadas existentes. Com isso, faz-se necessário uma aliança entre a leitura literária e a vida comum, para que o sujeito veja possibilidades para além de suas fronteiras já conhecidas. E nesse campo faz-se essencial a presença do futuro profissional docente da língua portuguesa que se capacite através de pesquisas e estudos, a fim de organizar práticas que suscitem uma revolução através da letramento literário, abandonando a ideia de se estudar um texto por puro interesse e vaidade intelectual e fornecendo ao aluno uma situação de leitura mais prazerosa, gerando nele uma intenção de buscar maior

conhecimento e prazer por leituras fora do âmbito escolar, conscientizando-o de sua própria atividade de reflexão.

Trabalhar com o gênero textual conto, no caso de Clarice Lispector, é um particular instrumento de incentivo à leitura, pois ela traz muitos desafios a serem descobertos nas suas entrelinhas. A função de formar leitores literários não é algo que se faz imediatamente e muito menos de um modo simplório. Exige muita dedicação, tempo, organização, preparação e trabalho. Embora desafiadora, a prática de promover uma educação de qualidade é recompensadora, pois proporciona uma base sólida para a vida, garantindo uma formação sólida em questões de cidadania e ampliando os recursos linguísticos dos indivíduos. Essa abordagem educacional não apenas beneficia o presente, mas também prepara os estudantes para um futuro próspero e significativo..

Diante disso, conseguimos repensar um pouco a estrutura de ensino da língua no âmbito da leitura e literatura, tendo consciência de que o ensino pode ensejar momentos de prazer e descoberta intelectual. Precisamos nos conscientizar que pelo fato de a Língua Portuguesa ser complexa em todos os seus sentidos, ela exige do profissional uma maior criatividade, maior estudo, dinâmica e crescimento. Esse fato deve gerar em nós uma busca incessante pelo crescimento de nossos discentes, para que, assim como nós, eles possam alcançar objetivos que visem a uma mudança no mundo e nas pessoas.

Formar leitores literários é uma tarefa complexa e que demanda tempo, preparação, organização e muito trabalho por parte dos docentes. No entanto, ao assumir o compromisso de desenvolver a prática de leitura nos estudantes, os professores garantem a formação de jovens com grande imaginação e amplos recursos linguísticos. A leitura literária amplia os horizontes do leitor, assim como expande o conhecimento do mundo que o cerca. Ler é uma forma de humanização, de autoconhecimento e reconhecimento do outro. A literatura pode não mudar o mundo diretamente, mas é a partir dela que nos tornamos capazes de refletir sobre a realidade em que vivemos e, assim, nos libertar e transformar. Além disso, a leitura literária é uma das condições para o ensino de Língua Portuguesa ser mais significativo, promovendo o crescimento dos estudantes como leitores literários, como leitores de si mesmos, dos outros e do mundo. Como afirmava Máximo Gorki, "a tarefa da Literatura é ajudar o homem a compreender-se a si mesmo".



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9 ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988. .

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma Literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

André Fiorussi, In: Antônio de Alcântara Machado et alii. *De conto em conto*. São Paulo; Ática, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, L. P. L. O engodo subjetivista e a formação do leitor. *Nuances: estudos sobre educação*, São Paulo, v. 28, p. 8-23, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14572/nuances.v28i2.5093>

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* 2002, n.19, pp.20-28.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. 171-193 p.

COLOMER, Teresa. Ler na escola: os “livros de leitura”. In: \_\_\_\_\_. *Andar entre livros - A leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007, p. 15-48.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores. In *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2021. 139 p. 25.

DE SOUZA, Douglas. O mistério da literatura infantil de Clarice Lispector: projeto estético, inovação e criação literária. *Revista Travessias*. V.1q, n-02, p.10-26, 2011.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes; MARQUES, Regina Maria Hubner. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. . Porto Alegre. Mercado Aberto, 1986.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. (Org.) Benjamin Moser. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. 654 p.

PONTES, J. **A Mulher que Não Matou a Criança**. Tese (mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro. 165 p. 2007. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.10497>

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Modelos Teóricos e estratégias de leitura: suas implicações no ensino. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. Introdução. In: GUIMARÃES. Huady Torres: BATISTA, Ronaldo Oliveira (org). Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula. Parábola Editorial. SP, 2012.